

USO VARIÁVEL DE NÓS E A GENTE NA FALA E ESCRITA DE PESSOAS DO DISTRITO FEDERAL

Mariana Araújo Simões de CARVALHO
Universidade de Brasília

Resumo: Este artigo visa a analisar a interferência de fatores linguísticos e sociais na utilização das formas *nós* e *a gente* na fala e na escrita de pessoas do Distrito Federal. Embasada nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista e em uma concepção pedagógica da variação linguística, esta pesquisa tem o objetivo de contrastar o uso variável das formas pronominais em relatos de informantes de Brasília e de Regiões Administrativas do Distrito Federal, além de estabelecer uma relação entre a avaliação social dos informantes e a abordagem das gramáticas a respeito do fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística, *nós* e *a gente*, fala e escrita, gramáticas, Distrito federal.

Abstract: The aim of this work is to analyze the interference of social and linguistics factors at the use of the forms “*nós*” and “*a gente*” in the speech and writing of people from Distrito Federal. The analysis is supported by the conjecture of theorist-methodological of variationist sociolinguistics and a pedagogical concept of the linguistic variation, the objective of this research is to contrast the variable use of those pronouns in reports of informers who lives in Brasília and in administrative region of Distrito Federal. The objective is also to settle a relation between a social evaluation of the informers and an approach of the grammar as regards the phenomenon.

KEYWORDS: Sociolinguistics, *nós* and *a gente*, speech and writing, grammar, Distrito Federal.

1 Introdução

Observa-se, atualmente, no português falado e escrito no Brasil (PB), a introdução da forma inovadora “a gente” no quadro pronominal em concorrência com o pronome pessoal “nós” para representar a 1ª pessoa do plural.

O substantivo “gente”, ao longo do tempo, gramaticaliza-se, perdendo características de item lexical e ganhando de item gramatical, ao se associar ao artigo definido “a”. Dessa forma, a expressão “a gente” deixa de ser sinônimo de expressões genéricas como “o povo” e passa a concorrer com “nós” na representação de 1ª pessoa do plural.

As análises deste estudo subdividem-se em três níveis: variáveis linguísticas; variáveis extralinguísticas e avaliação do fenômeno. Os dois primeiros níveis são embasados nos pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, e o último fundamenta-se em uma abordagem pedagógica do fenômeno estudado.

No primeiro nível, serão analisadas as variáveis linguísticas (internas) que favorecem o uso de “nós” ou “a gente” na fala e na escrita de moradores do Distrito Federal. Este nível é composto de quatro tópicos: (i) marcas morfêmicas, subdivida em concordância verbal e concordância nominal; (ii) preenchimento do sujeito; (iii) paralelismo formal, que se subdivide em paralelismo sujeito-sujeito e paralelismo sujeito-objeto; (iv) posição sintática, dividida em posição de sujeito e posição de objeto.

No segundo nível, serão estudadas as seguintes variáveis extralinguísticas (ou sociais): (i) gênero; (ii) faixa etária; (iii) classe social. Nessa seção, será avaliada a interferência de cada fator condicionador na escolha de uma ou outra forma pronominal, ou seja, analisar-se-á de que forma os fatores extralinguísticos (sociais) mencionados favorecem o uso de “nós” ou “a gente” nos relatos orais e escritos dos informantes que compõem o *corpus* deste artigo.

O último nível aborda a avaliação social do fenômeno – o uso variável de “nós” e “a gente” – e divide-se em duas partes: (i) avaliação do informante, em que serão expostas as opiniões dos entrevistados a respeito do uso das

formas pronominais em questão; (ii) avaliação das gramáticas escolares, parte que analisará a abordagem dos livros didáticos em relação à representação da primeira pessoa do plural na fala e na escrita. Nesse nível, pretende-se estabelecer uma relação entre as duas avaliações, partindo do pressuposto de que a gramática escolar é importante instrumento na construção de conhecimento de língua dos falantes.

2 A gramaticalização de *a gente*

Ao longo do tempo, uma série de mudanças linguísticas ocorreram – e ocorrem – no português falado e escrito no Brasil. Uma dessas mudanças é a inserção da forma “a gente” no quadro pronominal do PB. Esse encaixamento se dá a partir da gramaticalização do sintagma nominal *gente*.

Segundo Braga e Omena (1996), o processo de gramaticalização é a mudança linguística “em que um item, se lexical, passa a ser gramatical; se gramatical, torna-se mais gramatical ainda” (BRAGA; OMENA, 1996, p. 75).

Dessa forma, o substantivo genérico *gente* – que designa um agrupamento de seres humanos e tem, portanto, um traço semântico inerente de multiplicidade e de pessoa –, ao se associar ao artigo definido “a”, ganha uma referência dêitica ao emissor da mensagem (primeira pessoa do discurso) e perde sua função de substantivo, classificando-se, assim, como um pronome pessoal.

De acordo com Lopes (2007, p. 73), o sintagma nominal *gente* passa por um processo histórico de gramaticalização em que, inicialmente, se classificaria como nome genérico, em seguida como um pronome indefinido e, finalmente, como forma pronominal de primeira pessoa do plural.

Para fundamentar a tese de que a gente está se gramaticalizando, Zilles (2007) aborda os seguintes “mecanismos de gramaticalização” propostos por Heine (2003): dessemantização; extensão; decategorização; erosão.

O primeiro mecanismo, a dessemantização, consiste em uma redução semântica, ou seja, de significado. Nesse processo, a forma *a gente* perde o traço semântico de povo do item lexical de origem – *gente* –, mas mantém o de

pessoa. Isto é, acrescenta-se uma referência à primeira pessoa do discurso e perde-se o traço genérico de agrupamento de pessoas qualquer.

A extensão, que seria o uso do sintagma em novos contextos, relaciona-se ao mecanismo de dessemantização, citado anteriormente, na medida em que possibilita à forma “a gente” a capacidade de fazer referência específica, ocorrendo como pronome anafórico. Ou seja, a forma “a gente” retoma um referente da primeira pessoa do plural “eu + outra(s) pessoa(s)” da mesma forma que o pronome pessoal “nós”.

Nos dados coletados nesta pesquisa, pode-se ver uma atuação significativa dos mecanismos de dessemantização e de extensão, uma vez que, em um corpus de oitenta relatos, apenas nos dois seguintes períodos utilizou-se a forma “a gente” como referente grupal ou genérico:

- a) “Soltar papagaio, que ‘a gente’ chama lá soltar papagaio”
- b) “Só que a argila pra ela diluir, ‘a gente’ precisa colocar com água”

Nessa primeira sentença, “a gente” representa toda a comunidade de fala de uma região. A segunda sentença traz um referente indeterminado, correspondendo a “*coloca-se água para diluir a argila*”. Em todas as outras ocorrências de “a gente” nos relatos, a forma pronominal aparece como pronome anafórico de “eu + outra(s) pessoa(s)”.

A decategorização – perda de características morfossintáticas próprias do item lexical de origem – reduziria as propriedades de substantivos da forma-fonte *gente* e lhe atribuiria características de pronome pessoal.

Um exemplo de decategorização na forma “a gente” é a perda do plural gramatical e do gênero feminino fixo, havendo uma concordância de acordo com o referente – o emissor da mensagem –, como se verá na seção “*marcas morfológicas*” mais adiante. Dessa forma, não é possível uma construção como “*as gentes*” para designar primeira pessoa do plural – assim como não é possível *os *nós* ou *os *nóses* – ou com desinência de gênero “-a” para referentes do sexo masculino.

O último mecanismo, erosão, é a perda de material fonético e tem relação com a saliência fônica, variável que não será trabalhada neste artigo.

3 A amostra utilizada

Nesta pesquisa, analisamos relatos orais e escritos de quarenta informantes de Brasília e de Regiões Administrativas do Distrito Federal, totalizando em oitenta relatos.

Antes de realizar a coleta dos dados, as seguintes células sociais foram pré-estabelecidas: (i) idade, subdividida em quatro grupos; (ii) classe social, subdividida em dois grupos. Para cada grupo, estipulou-se uma quantidade de cinco entrevistados, seguindo o número ideal de informantes em entrevista sociolinguística (MOLLICA; BRAGA, 2003).

Subdividimos a primeira célula em quatro grupos etários: crianças, adolescentes, adultos e idosos. Para delimitar a faixa de cada grupo etário, foram definidos os seguintes intervalos:

- a) Crianças: 0 – 11 anos
- b) Adolescentes: 12 – 18 anos incompletos
- c) Adultos: 18 anos completos – 59 anos
- d) Idosos: a partir de 60 anos completos

Para dividir os indivíduos de acordo com a classe social, foram utilizados os parâmetros do Critério Brasil 2015, da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP). O documento oficial estabelece seis classes sociais em ordem decrescente: A; B1; B2; C1; C2; DE. Neste trabalho, dividiu-se as classes sociais em dois grandes grupos: Grupo A, que compreende os indivíduos das três primeiras classes do Critério Brasil; Grupo B, que compreende os indivíduos das classes restantes.

Buscamos indivíduos do Grupo A em Brasília e indivíduos do Grupo B em Regiões Administrativas, devido à renda per capita destoante de Brasília e das cidades do entorno.

Foi solicitado aos entrevistados um breve relato a respeito de seu relacionamento com irmãos e amigos. Nada foi mencionado a respeito da língua, as perguntas da entrevista oral apenas conduziram o falante a expressar-se em primeira pessoa do plural. Dessa forma, coletaram-se dados do vernáculo, ou seja, da fala em seu estado natural, não monitorado.

Após a entrevista oral, pedimos ao informante que escrevesse o mesmo relato. Só depois de feita a redação se pedia que preenchesse um quadro com sua avaliação – negativa, neutra ou positiva – do uso de “nós” e “a gente” na fala e na escrita, para que não houvesse interferência na coleta de dados.

4 Análise dos dados

4.1 Análise geral

A amostra analisada apresentou 469 ocorrências de nós e a gente nos dados da escrita e da fala de moradores do Distrito Federal. Dentre estas, o pronome a gente teve um total de 241 ocorrências, correspondendo a cerca de 51,38% do total. O pronome nós teve um total de 228 ocorrências, correspondendo a cerca de 48,61% do total.

Ao contrário do que já se mostrou em outras pesquisas a respeito do uso variável entre “nós” e “a gente”, neste trabalho, a porcentagem relativa às ocorrências da forma inovadora ultrapassou a da forma tradicional.

A discreta diferença percentual entre as ocorrências corrobora a hipótese de que a forma inovadora “a gente” está se introduzindo no quadro pronominal do português falado e escrito no Brasil como representação de 1ª pessoa do plural.

Apesar da proximidade numérica, é importante descrever, porém, os ambientes que favorecem o uso de uma forma pronominal ou de outra.

Na escrita, houve 166 ocorrências do pronome pessoal “nós”, representando um total de 35% da amostra. Já a forma “a gente”, nesse mesmo contexto, apresentou apenas 13 ocorrências, totalizando menos de 3% da amostra.

É nas entrevistas orais que a forma inovadora aparece em grande quantidade: são 228 ocorrências da forma “a gente”, contra 62 ocorrências de “nós”. Em termos percentuais, o pronome pessoal representa apenas 13,21% da amostra, enquanto a forma inovadora totaliza 48,61%, quase metade de todas as ocorrências.

Uma das explicações para esse fato – além da interferência das variáveis linguísticas e extralinguísticas que serão analisadas mais adiante – é o monitoramento da fala e da escrita.

Como o ambiente de fala é menos monitorado, mais natural, apresentou-se um número maior da forma “a gente”, característica da linguagem coloquial. O ambiente de escrita, por sua vez, é bastante monitorado, o que favoreceu o uso do pronome pessoal “nós”, que configura em muitas das gramáticas escolares como única forma de representação da 1ª pessoa do plural.

Tabela 1: Frequência e porcentagem de *nós* e *a gente* segundo as variáveis fala e escrita

| | Fala | Escrita | Total | Percentual |
|----------------|-------------|----------------|--------------|-------------------|
| Nós | 62 | 166 | 228 | 48,61% |
| A gente | 228 | 13 | 241 | 51,38% |

4.2 Variáveis linguísticas

4.2.1 Marcas morfêmicas

4.2.1.1 Concordância verbal

Em estudos anteriores a respeito do uso variável de nós e a gente, Lopes (1999) encontrou quatro possibilidades de realizar concordância verbal com as formas pronominais “nós” e “a gente”:

- a) “Nós” + “-mos”
- b) “Nós” + \emptyset
- c) “A gente” + \emptyset
- d) “A gente” + “-mos”

Durante a análise dos dados coletados neste estudo, encontraram-se três novas formas de realizar concordância verbal com essas formas pronominais, associadas a um terceiro modo de representar a 1ª pessoa do

plural: (eu + pessoa). Por esse motivo, optou-se por fazer a seguinte classificação das possibilidades de concordância verbal:

- a) “Nós” + “-mos”
- b) “Nós” + \emptyset
- c) “A gente” + \emptyset
- d) “A gente” + “-mos”
- e) (Eu + pessoa) + “-mos”
- f) (Eu + pessoa) + “-m”
- g) (Eu + pessoa) + \emptyset

Encontramos uma terceira marca morfêmica na concordância com representações de 1ª pessoa do plural: “-m”, desinência número pessoal indicativa de 3ª pessoa do plural. Uma das hipóteses que explica esse uso é a concordância semântica com o traço de pluralidade ao invés do traço de pessoa.

Essa mesma concordância semântica com o referente no plural explica as ocorrências de concordância como “a gente” + “-mos”, encontradas nesta pesquisa e em trabalhos anteriores de Omena (1986), Menon (1995) e Naro et al. (1999).

Na tabela a seguir, apresentamos os resultados obtidos nos relatos orais e escritos dos informantes deste trabalho:

Tabela 2: Percentual das ocorrências das marcas morfêmicas de verbos que acompanham as formas pronominais nós e a gente

| | Escrita | Fala | Total: |
|---|----------------|-------------|---------------|
| Nós + -mos | 28,92% | 15,70% | 44,62% |
| Nós + \emptyset | 1,65% | 7,43% | 9,08% |
| A gente + \emptyset | 5,78% | 26,44% | 32,22% |
| A gente + -mos | 0% | 1,65% | 1,65% |
| (Eu + pessoa) + -mos | 6,61% | 0,82% | 7,43% |
| (Eu + pessoa) + \emptyset | 0% | 1,65% | 1,65% |
| (Eu + pessoa) + -m | 3,35% | 0% | 3,35% |

As duas possibilidades de concordância verbal com mais ocorrência foram “nós” + “-mos” e “a gente” + \emptyset , justamente as formas menos estigmatizadas. Cabe ressaltar que, neste estudo, as ocorrências com a marca morfológica “-mos” foram maiores que as ocorrências com a marca morfológica \emptyset : 53,7% das ocorrências contra 42,95%.

Outro dado que chama atenção é a porcentagem de ocorrência da forma “a gente” + “-mos”. Muitas pessoas têm a concepção equivocada e preconceituosa de que indivíduos desfavorecidos economicamente fazem uso abundante dessa forma. Os dados coletados neste estudo, porém, mostram que esse não é um uso recorrente – representando apenas 1,65% da amostra –, provando que esse tipo de julgamento, além de preconceituoso, é completamente equivocado.

4.2.1.2 Concordância nominal

Na análise dos relatos orais e escritos, percebeu-se uma associação de adjetivos às formas pronominais “nós” e “a gente”. Essa associação, porém, deu-se de forma bastante diversificada.

Um mecanismo de gramaticalização que atua de forma bastante intensa sobre essa variável é a decategorização. Como já foi dito anteriormente, com esse processo, a forma “a gente” sofre a perda do plural gramatical e do gênero feminino fixo. A concordância nominal nesse caso se estabelece, portanto, de acordo com o gênero do referente, ou seja, da pessoa que está emitindo a mensagem. Dessa forma, não se encontram, por exemplo, relatos de indivíduos do gênero masculino em que figurem adjetivos com a marca morfológica “-a”.

Percebe-se, assim, que a concordância nominal com a forma “a gente” é feita de maneira muito mais semântica que gramatical, pois o gênero varia de acordo com o referente. Isso se deve ao fato de a forma inovadora perder características de substantivo da forma-fonte e ganhar um traço de pronome pessoal: a referência anafórica à pessoa do discurso.

Nota-se, porém, um comportamento distinto em relação ao uso dos morfemas de número “-s” ou \emptyset nos adjetivos associados à forma “a gente” –

explicando-se a escolha do morfema “-s” como uma concordância semântica com a pluralidade e a escolha do morfema \emptyset como uma concordância gramatical com a forma-fonte *gente*.

Observamos, na análise dos dados coletados neste estudo, as seguintes possibilidades de concordância nominal:

- a) “Nós” + “-a” + “-s”
- b) “Nós” + “-a” + \emptyset
- c) “Nós” + “-o” + -s
- d) “Nós” + “-o” + \emptyset
- e) “A gente” + “-a” + “-s”
- f) “A gente” + “-a” + \emptyset
- g) “A gente” + “-o” + \emptyset

Nas tabelas 3 e 4 abaixo, são apresentadas as ocorrências das marcas morfêmicas de número e de gênero em relatos escritos e orais de indivíduos do gênero feminino e masculino, respectivamente:

Tabela 3: Percentual de ocorrências das marcas morfêmicas de gênero e número em relatos orais e escritos de indivíduos do gênero feminino

| | Escrita | Fala | Total: |
|--|---------|--------|--------|
| Nós + -a + -s | 53,33% | 6,66% | 59,99% |
| Nós + -a + \emptyset | 0% | 6,66% | 6,66% |
| A gente + -a + -s | 0% | 20% | 20% |
| A gente + -a + \emptyset | 0% | 13,33% | 13,33% |

Tabela 4: Percentual de ocorrências das marcas morfêmicas de gênero e número em relatos orais e escritos de indivíduos do gênero masculino

| | Escrita | Fala | Total: |
|--|---------|--------|--------|
| Nós + -o + -s | 44,44% | 0% | 44,44% |
| Nós + -o + \emptyset | 11,11% | 0% | 11,11% |
| A gente + -o + \emptyset | 0% | 44,44% | 44,44% |

Analisando os dados acima, percebe-se que a maior ocorrência com adjetivos é de “nós” + morfema de gênero + “-s” tanto em relatos de indivíduos do sexo feminino, quanto do masculino.

Por outro lado, enquanto o morfema de número “-s” aparece em quase 80% da amostra de indivíduos do gênero feminino, os relatos de indivíduos de sexo masculino apresentam 44,44% de ocorrência desse morfema, apresentando morfema \emptyset em 55,55% das ocorrências, contra 20% de ocorrência de morfema \emptyset em relatos do gênero oposto.

Uma hipótese que pode explicar esse fenômeno é baseada no fato de a saliência fônica atuar significativamente na concordância de número. Adjetivos com o morfema de gênero “-o” são menos salientes que adjetivos com morfema de gênero “-a”.

Segundo Freitag e Lima (2010), “o princípio da saliência fônica prevê que quanto mais perceptíveis são as diferenças sonoras, maior a tendência de se perceber essa variação e, portanto, de se policiar, caso a variante seja estigmatizada” (FREITAG; LIMA, 2010, p. 78).

Como indivíduos do gênero feminino “são mais sensíveis ao prestígio social das formas linguísticas”, o monitoramento em relação à marcação de plural é ainda maior (FREITAG; LIMA, 2010, p. 78).

4.2.2 Preenchimento do sujeito

De acordo com Duarte (1993), o português falado e escrito no Brasil está se direcionando progressivamente para o preenchimento do sujeito. Nesta seção, serão avaliadas as ocorrências das formas “nós” e “a gente” em construções com sujeito nulo e preenchido, bem como a forma (eu + pessoa) já mencionada.

Na análise dos dados, foram encontradas as seguintes representações de 1ª pessoa do plural:

Sujeito preenchido:

- a) Nós explícito
- b) A gente explícito
- c) (Eu + pessoa)

d) (Eu + pessoa) + a gente (pronome lembrete)

Sujeito nulo:

e) Nós implícito

f) A gente implícito

Nas tabelas a seguir, serão expostas as ocorrências de cada uma das formas de representação de 1ª pessoa do plural citadas nos relatos orais e escritos dos informantes.

Tabela 5: Ocorrências de sujeito preenchido na fala e na escrita

| | Fala | Escrita | Total: |
|---|------|---------|--------|
| Nós explícito | 17 | 19 | 36 |
| A gente explícito | 31 | 6 | 37 |
| (Eu + pessoa) | 2 | 11 | 13 |
| (Eu + pessoa) + a gente (pronome lembrete) | 3 | 1 | 4 |

Tabela 6: Ocorrências de sujeito nulo na fala e na escrita

| | Fala | Escrita | Total: |
|--------------------------|------|---------|--------|
| Nós implícito | 12 | 30 | 42 |
| A gente implícito | 15 | 1 | 16 |

Tabela 7: Total de ocorrências de sujeito preenchido e nulo

| | Fala | Escrita | Total: | Percentual: |
|---------------------------|------|---------|--------|-------------|
| Sujeito preenchido | 53 | 37 | 90 | 60,81% |
| Sujeito nulo | 27 | 31 | 58 | 39,18% |

A partir da análise dos dados, percebe-se que há mais construções de sujeito nulo com a forma “nós” que com a forma “a gente”: 42 ocorrências do pronome pessoal contra 16 da forma inovadora. Isso se dá pelo fato de a marca morfêmica “-mos” possibilitar o entendimento de referente em 1ª pessoa do plural sem a necessidade de sujeito exposto. Como a marca morfêmica de

“a gente” é \emptyset , o sujeito nulo pode, muitas vezes, gerar sentenças ambíguas, optando-se, portanto, pelo preenchimento do sujeito com a forma inovadora – 37 ocorrências de “a gente” explícito, contra 16 de “a gente” implícito.

4.2.3 Paralelismo formal

Tem-se por paralelismo formal a repetição de uma mesma forma pronominal desencadeada pela primeira ocorrência de um pronome. Ou seja, a primeira ocorrência de um pronome tende a desencadear uma série de repetições do mesmo.

4.2.3.1 Paralelismo formal sujeito-sujeito

Neste tipo de paralelismo, foram avaliadas séries discursivas iniciadas por “nós” ou “a gente” e suas respectivas repetições ou alternâncias.

Foram encontradas, nos relatos orais e escritos, as seguintes sequências ilustradas na tabela abaixo:

Tabela 8: Ocorrências de nós e a gente segundo a variável paralelismo formal sujeito-sujeito

| | Fala | Escrita | Total: |
|--|------|---------|--------|
| Nós... -mos | 22 | 36 | 58 |
| Nós... nós | 2 | 4 | 6 |
| Nós... a gente | 0 | 2 | 2 |
| Nós... -m | 0 | 2 | 2 |
| A gente... \emptyset | 28 | 7 | 35 |
| A gente... a gente | 16 | 0 | 16 |
| A gente... -mos | 5 | 2 | 7 |

A partir da análise dos dados, pode-se perceber que os dois maiores índices são de “nós...” + “-mos” (verbos em P4) e “a gente...” + \emptyset (verbos em P3), havendo poucas sequências com repetições do sujeito.

4.2.3.2 Paralelismo formal sujeito-objeto

Neste tipo de paralelismo, verificam-se as sequências de sujeito – “nós” ou “a gente” – e seus respectivos objetos.

Foram encontradas, no estudo dos dados coletados nas entrevistas orais e escritas, as ocorrências listadas na Tabela 9, abaixo.

Tabela 9: Número de relatos com objetos relacionados às formas pronominais nós e a gente

| | Fala | Escrita | Total: |
|--|------|---------|--------|
| Nós + da gente/com a gente | 1 | 0 | 1 |
| Nós + de nós/com nós/para nós/conosco | 0 | 1 | 1 |
| Nós + nos | 2 | 8 | 10 |
| Nós + se | 3 | 4 | 7 |
| A gente + nos | 0 | 1 | 1 |
| A gente + se | 5 | 3 | 8 |

A partir da análise dos dados, percebe-se que há um número de ocorrências maior das formas “nós” + “nos” e “a gente” + “se” – com 10 e 8 ocorrências, respectivamente –, sendo a primeira sequência mais encontrada em registros escritos e a segunda, em registros orais. Isso se dá pelo fato de haver uma tendência de o pronome que inicia uma sentença ser retomado no objeto.

Por outro lado, percebe-se um número relativamente grande da construção nós + se. É importante salientar que todas as ocorrências desse tipo de sentença foram encontradas em relatos de indivíduos do Grupo B –

célula social dos indivíduos de classe média-baixa. Essa construção não se deu em forma de alternância, com sujeito distante do objeto, mas associada a verbos na terceira pessoa do singular, como em:

a) “Nós ‘se’ *conheceu*... Eu já morava em Ipanema, né?”

b) “Nós *briga*, ‘se’ *bate*, ‘se’ *xinga*...”

4.2.4 Posição sintática

Neste tópico, serão analisadas as posições sintáticas – sujeito e objeto – que as formas pronominais “nós” e “a gente” ocuparam nos relatos orais e escritos deste estudo.

Tanto na fala como na escrita, tem-se um número de ocorrências das formas “nós” e “a gente” em posição de sujeito muito maior que na posição de objeto, como pode-se constatar na observação da tabela abaixo:

Tabela 10: Ocorrências de nós e a gente em posição de sujeito e objeto nos relatos escritos e orais.

| | Fala | Escrita | Total: |
|-----------------|------|---------|--------|
| Sujeito: | | | |
| Nós | 60 | 166 | 226 |
| A gente | 213 | 13 | 226 |
| Objeto: | | | |
| Nós | 0 | 1 | 1 |
| A gente | 4 | 0 | 4 |

O número de ocorrências das formas “nós” e “a gente” em posição de sujeito foi o mesmo, o que corrobora a tese de que a forma inovadora está se inserindo no quadro pronominal do português falado e escrito no Brasil.

Observa-se, porém, que o uso do pronome pessoal é mais recorrente na escrita, enquanto a forma inovadora é mais encontrada em relatos orais.

4.3 Variáveis extralinguísticas

Durante a análise dos dados, três variáveis extralinguísticas (sociais) se mostraram relevantes no uso variável de “nós” e “a gente”: (i) gênero; (ii) faixa etária; (iii) classe social – sendo a última variável o fator de maior discrepância na quantidade e na variedade dos usos das formas pronominais de 1ª pessoa do plural.

4.3.1 Gênero

Neste estudo, foram realizadas entrevistas orais e escritas com quarenta informantes. Destes, 30 eram mulheres e 10 eram homens. Devido ao número discrepante, os dados que se apresentarão em forma de porcentagem de usos.

Labov (1972, 2003) chegou à conclusão de que indivíduos do gênero feminino tendiam a usar mais as formas de prestígio. Por outro lado, foi encontrada, nos relatos de indivíduos desse gênero, uma preferência pelas formas inovadoras – desde que não fossem estigmatizadas.

Partindo desse pressuposto, estabelecemos a hipótese de que as mulheres utilizariam mais a forma “a gente”, fato corroborado pelos dados levantados neste estudo, como ilustra a tabela a seguir:

Tabela 11: Ocorrências de nós e a gente em relatos escritos e orais, segundo a variável gênero

| | Fala | Escrita |
|-------------------------|--------|---------|
| Gênero feminino | | |
| Nós | 22,41% | 90,78% |
| A gente | 77,58% | 9,21% |
| Gênero masculino | | |
| Nós | 31,25% | 100% |
| A gente | 68,75% | 0% |

Observa-se – além do maior índice de ocorrências da forma inovadora em relatos de indivíduos de gênero feminino – que “a gente” figura na fala e na escrita de mulheres, enquanto nos relatos de indivíduos do sexo masculino, a forma inovadora aparece apenas nos registros orais.

4.3.2 Faixa etária

Antes de as entrevistas serem feitas, havia a hipótese inicial de que o uso da forma “a gente” seria mais abundante em relatos de adolescentes e crianças, como se verificou em estudos anteriores, como o de Omena (1986).

Em termos numéricos, essa hipótese não se confirmou, devido ao fato de os relatos orais e escritos de adultos e idosos serem significativamente maiores que os de indivíduos jovens. Por esse motivo, optou-se por fazer uma análise da porcentagem de usos.

Ainda assim, a hipótese inicial foi refutada. Os dois maiores índices da forma “a gente” na fala pertencem, justamente, aos relatos de adultos e idosos. Já na escrita, os maiores índices da forma inovadora aparecem em relatos dos adolescentes e das crianças – um dado curioso, uma vez que, em fase escolar, costuma-se utilizar mais a norma-padrão na modalidade escrita.

As ocorrências podem ser vistas na tabela abaixo:

Tabela 12: Ocorrências de nós e a gente em relatos orais e escritos, segundo variável faixa etária

| | Fala | Escrita |
|---------------------|--------|---------|
| Crianças | | |
| Nós | 27,27 | 85,71% |
| A gente | 72,72% | 14,28% |
| Adolescentes | | |
| Nós | 27,77% | 91,46% |
| A gente | 72,22% | 8,53% |
| Adultos | | |
| Nós | 18,60% | 96% |

| | | |
|----------------|--------|------|
| A gente | 81,39% | 4% |
| Idosos | | |
| Nós | 26,31% | 100% |
| A gente | 73,68% | 0% |

4.3.3 Classe social

Como já foi dito, os entrevistados foram divididos em dois grandes grupos: A, composto de indivíduos de classe média-alta; B, composto de indivíduos de classe média-baixa.

Este foi o fator que mais chamou a atenção na comparação das ocorrências de “nós” e “a gente”, segundo as variáveis vistas anteriormente. Em primeiro lugar, por conta do tamanho dos relatos: as narrativas pessoais, tanto orais como escritas, de indivíduos do Grupo A eram significativamente maiores que as entrevistas do Grupo B.

Em segundo lugar pela diferença de possibilidades de concordâncias verbal e nominal, por exemplo, entre os dois grupos: o Grupo A mantém um certo padrão, seguindo as formas de prestígio, enquanto o Grupo B apresenta relatos bastante diversos, apresentando formas estigmatizadas.

É no estudo desta variável que se pode perceber como o poder aquisitivo interfere na educação das pessoas e refletir sobre os rumos do ensino público no Brasil.

Comparando os relatos escritos de dois informantes de mesmo gênero, idade e escolaridade, podemos ver claramente essa discrepância. As sentenças a seguir foram extraídas das redações de duas adolescentes de 16 anos do 1º ano do Ensino Médio, sendo a primeira pertencente ao Grupo A, e a segunda, ao Grupo B:

a) “Um dia eu e uma amiga estávamos na minha casa e decidimos fazer um brownie”.

b) “Depois que *nois se conheceu* foi a melhor coisa agora *nois samos* melhores amiga”.

Além disso, todas as construções estigmatizadas, como as sentenças construídas com “nós” + \emptyset ou “a gente” + “-mos”, pertenciam a relatos de indivíduos de classe média-baixa.

Em termos quantitativos, a diferença não é muito acentuada entre os relatos dos dois grupos, exceto pelo uso da forma “a gente” na fala: o Grupo A apresentou um total de 71,92% de ocorrências da forma inovadora em registro oral, enquanto o Grupo B apresentou somente 28,08% da amostra.

Esse número corrobora a tese de Zilles (2007) de que há uma maior difusão da mudança linguística nos grandes centros urbanos. Esse fato pode ser verificado neste estudo, uma vez que informantes do Grupo A, que fizeram maior uso da forma “a gente”, são moradores de Brasília, enquanto os indivíduos do Grupo B são moradores das Regiões Administrativas do Distrito Federal.

5 Avaliação do fenômeno

5.1 Avaliação dos informantes

Ao final das entrevistas, foi perguntado aos informantes que avaliação eles faziam do uso de nós de a gente na fala e na escrita: avaliação positiva, neutra ou negativa.

A forma “nós” teve 59 avaliações positivas, contra 41 da forma “a gente”, e apenas 11 avaliações negativas, contra 21 da forma inovadora.

As avaliações das formas pronominais se encontram na tabela abaixo:

Tabela 13: Avaliação dos informantes

| | Positiva | Neutra | Negativa |
|----------------|----------|--------|----------|
| Fala | | | |
| Nós | 28 | 7 | 5 |
| A gente | 22 | 10 | 8 |
| Escrita | | | |
| Nós | 31 | 3 | 6 |
| A gente | 19 | 8 | 13 |

Pode-se perceber que, embora os dados coletados nos relatos apontem para um uso significativo da forma *a gente*, a variante de prestígio continua sendo o pronome pessoal *nós*. Esse fato também pode ser percebido pelo número de ocorrências da forma tradicional nos registros escritos.

Esses dados levam ao questionamento sobre a distância entre fala e escrita e sobre como essa diferença entre os registros é abordada nas escolas, mais especificamente no ensino de gramática.

5. 2 Avaliação das gramáticas escolares

Nesta parte do estudo, foram analisadas onze gramáticas escolares, com datas de publicação de 1941 a 2014, afim de que se compreendesse o período escolar de todos os informantes da pesquisa.

Em todas as gramáticas, é abordada a explicação clássica dos seis pronomes pessoais – eu, tu, ele, nós, vós, eles – como representativos das pessoas do discurso.

Em poucos livros faz-se menção à forma *“a gente”*. Quando se menciona, a explicação se dá de forma completamente prescritiva e rasa, limitando-se a tratar a forma inovadora como substituto coloquial do pronome *“nós”* e a trazer o uso obrigatório de verbos na terceira pessoa do singular para realizar a concordância com *“a gente”*.

Nota-se uma distância considerável entre o conteúdo dos livros didáticos e a realidade do aluno. O uso da forma *“a gente”* figurou em quase 80% das amostras de fala, e em nenhuma das gramáticas seu uso foi problematizado.

Nos livros de publicação mais recente, há uma seção de variação linguística, mas o posicionamento de respeito às variações se limita a esse capítulo, adotando-se uma postura conservadora, prescritiva e, muitas vezes, preconceituosa no restante do conteúdo do livro.

6 Considerações finais

Com este estudo, conclui-se que a forma pronominal “a gente” é mais utilizada na fala e o pronome pessoal é mais utilizado na escrita de indivíduos do Distrito Federal.

Ao longo das análises das variáveis linguísticas e extralinguísticas do fenômeno de variação entre as representações da 1ª pessoa do plural, dois fatores chamaram a atenção. O primeiro deles foi a discrepância da natureza das ocorrências entre os relatos de indivíduos pertencentes à classe média-alta e daqueles pertencentes à classe média-baixa.

O segundo fator foi a avaliação social do fenômeno por parte dos falantes e, sobretudo, por parte das gramáticas escolares.

Este estudo teve a finalidade de apontar os contrastes dos registros orais e escritos quanto ao uso variável de “nós” e “a gente”, além de denunciar a postura prescritiva que as gramáticas escolares ainda carregam.

É necessário que os educadores repensem o ensino de gramática nas escolas – de forma que as variações linguísticas sejam estudadas de maneira adequada – e escolham o livro didático de modo a evitar publicações de abordagem intolerante e fechada a debates.

Não se trata de desvalorizar a norma padrão abordada nas gramáticas normativas, mas repensar o seu ensino, de modo a “desmistificar o seu uso inadequado na escola, principalmente nas séries iniciais, quando o aluno não é tratado como um usuário da língua, mas sim como um depositário da nomenclatura e regras gramaticais” (RIBEIRO, 2001, p. 149).

Referências bibliográficas

ABEP. **Critério Brasil 2015**. Disponível em: <<http://www.abep.org/criterio-brasil>>. Acesso em: 04 Mar 2015.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil**. In: Ian Roberts, Mary A. Kato (orgs.). Português Brasileiro – Uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

FREITAG, Raquel Meister Ko; LIMA, Geralda de Oliveira Santos. **Sociolinguística**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2010.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian; JANDA, Richard D. (Ed.). The handbook of historical linguistics. Oxford: Blackwell, 2003. p. 575-601.

LABOV, William. Some sociolinguistic principle. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (eds.). Sociolinguistics: The essential readings Oxford: Blackwell, 2003 [1969], p. 234-250.

LABOV, William. Sociolinguistic Patterns. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.

LOPES, C. R. S.. **A inserção de a gente no quadro pronominal do português: percurso histórico**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 1999. (Tese de Doutorado em Língua Portuguesa). 93 Work. pap. linguíst., n.esp. 82-93, Florianópolis, 2010.

_____. **A gramaticalização de a gente em português em tempo real de longa e de curta duração: retenção e mudança na especificidade dos traços intrínsecos**. Florianópolis: Fórum Linguístico. v. 4, n. 1 (47-80), julho de 2007.

MENON, Odete P. da S. **A gente, eu, nós: sintomas de uma mudança em curso no português do Brasil? Anais do ELFE**. Maceió: UFAL: 1995, p. 397-403.

MOLLICA, Maria Cecília, BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. Rio de Janeiro: Contexto, 2003.

NARO, Antony Julius; GÖRSKI, Edair Maria; & FERNANDES, Eulália. (1999) Change without Change. Language Variation and Change. v. 11, nº 2, New York, 1999, p. 197-211.

OMENA, Nelize Pires de; BRAGA, Maria Luiza. **A gente está se gramaticalizando?** In.: MACEDO, A. T., RONCARATI, C. & MOLLICA, M. C. (org.): Variação e Discurso. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996.

_____. **Projeto subsídios sociolingüísticos do projeto censo à educação.** V. II. Relatório final apresentado ao FINEP, OUT/1986.

RIBEIRO, Ormezinda Maria. **Ensinar ou não a gramática na escola:** eis a questão. *Linguagem & Ensino*. v. 4, nº 1, Uberaba: 2001, p. 141-157.

ZILLES, Ana Maria S. **O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?** *Letras de Hoje*. v. 42, nº 2, Porto Alegre: junho, 2007.